

**FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ
GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA**

Autorização: Portaria MEC nº 234 de 13/03/1998

Reconhecimento: Portaria MEC nº 698 de 26/05/2000

Renovação do reconhecimento: Portaria MEC nº 757 de 03/09/2007

**BRUNA MARIA DA SILVA
CAMILA FRAGA RODRIGUES
INGRID DEMONER MEDANI
JULIANA SANTANA THEODORO
KARIELLY NIEIRO CRUZ**

**O LÚDICO COMO PROCESSO DE INTERVENÇÃO PARA O
APRENDIZADO DO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Aracruz
2017**

**BRUNA MARIA DA SILVA
CAMILA FRAGA RODRIGUES
INGRID DEMONER MEDANI
JULIANA SANTANA THEODORO
KARIELLY NIEIRO CRUZ**

**O LÚDICO COMO PROCESSO DE INTERVENÇÃO PARA O
APRENDIZADO DO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
às Faculdades Integradas de Aracruz, como
parte dos requisitos exigidos para a obtenção
do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof^a Marta Regina Rossoni

**Aracruz
2017**

**BRUNA MARIA DA SILVA
CAMILA FRAGA RODRIGUES
INGRID DEMONER MEDANI
JULIANA SANTANA THEODORO
KARIELLY NIEIRO CRUZ**

**O LÚDICO COMO PROCESSO DE INTERVENÇÃO PARA O
APRENDIZADO DO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

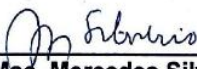
Trabalho de conclusão de curso apresentado às Faculdades Integradas de Aracruz,
como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

Aprovado em 14 de julho de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA



**Prof. Msc. Marta Regina Rossoni
Faculdades Integradas de Aracruz
Orientador**



**Prof. Msc. Mercedes Silvério Gomez
Faculdades Integradas de Aracruz
Avaliador 1**

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus por ser o detentor de todas as coisas e nos abençoar com a finalização deste trabalho, a nossa família por todo apoio e compreensão. Assim, agradecemos a todos que contribuíram direta ou indiretamente, muito obrigado!

“Todo autista tem potencialidades, para transcender dentro de suas especificidades, por isso, ensine um autista de várias maneiras, pois assim, ele conseguirá aprender.”
Simone H. D. Ischkanian.

RESUMO

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento, que vem atingindo meninos em sua maioria, e se revela na dificuldade do desenvolvimento da fala, na interação com outras pessoas, além de apresentar sequência em movimentos repetitivos durante determinadas atividades. Desse modo, temos por finalidade investigar de que forma o lúdico pode ser usado como um processo de intervenção para o aprendizado da criança com o Transtorno do Espectro Autista, buscando trazer as principais definições históricas e a vigência na legislação que assegura o ensino da criança com autismo, identificando como as atividades ligadas a ludicidade que pode contribuir para o aprendizado e o desenvolvimento dessa criança portadora de tal síndrome. Para a consolidação, foram desenvolvidas pesquisas de cunho bibliográfico e pesquisa qualitativa, pautadas em um questionário semiestruturado realizado numa escola selecionada na Educação Infantil da Rede Municipal, em Aracruz. Destacamos que o lúdico é peça chave no desenvolvimento da aprendizagem da criança com o transtorno do espectro autista – TEA visto que proporciona um melhor desenvolvimento de suas capacidades físicas e intelectuais.

Palavras-chave: Autismo, Educação Infantil, Lúdico.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Pós Graduação Lato Sensu.....	22
Gráfico 2 – O Brincar em sala de aula.....	23
Gráfico 3 – Praticidade do lúdico em sala de aula.....	24

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAES	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
NEE	Necessidades Educativas Especiais
TEA	Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CONCEPÇÃO DO LÚDICO	15
3 CONCEITUANDO O AUTISMO	17
4 BREVES CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E LEGAIS SOBRE O AUTISMO	19
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICE – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO	30

1 INTRODUÇÃO

Percebemos que o autismo se tornou um assunto de grande relevância, sendo discutido cada vez mais nas mídias. As escolas, de acordo com as leis, estão recebendo com maior frequência, crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista – TEA através deste artigo apresentaremos o lúdico como um processo de intervenção integrado a Educação Infantil, mostrando que a ludicidade contribui para o trabalho dos professores, possibilitando o desenvolvimento da criança em seus aspectos cognitivos e intelectuais de modo a potencializar o aprendizado através das múltiplas maneiras de se explorar os jogos e as brincadeiras.

A partir das vivências de estágios, observamos como ocorre a interação e a socialização das crianças com autismo e outras crianças no ambiente escolar. É possível notar que a música as estimula de maneira significativa, proporcionando a interação através de danças e brincadeiras cantadas.

Outro recurso que promove a interação e a socialização, com resultados satisfatórios, são os materiais estruturados (bonecas, carrinhos, peças de encaixe, bambolê, corda, jogos educativos, entre outros) e não estruturados (canos, tecidos, pedaços de madeiras, pneus, rolos de papel higiênicos, elementos da natureza, garrafa pet e entre outros), possibilitando que a criança desenvolva a criatividade, favorecendo o foco e a concentração.

Faz-se necessário, portanto, refletirmos o lúdico como processo de intervenção para o aprendizado da criança com autismo na educação infantil, como meio de inclusão e de ensino, trazendo a compreensão da importância da sua inserção no meio sociocultural e no âmbito escolar, beneficiando a criança de modo que ela saia do isolamento, sendo esta, uma das características do transtorno.

É preciso considerar que devemos entender o que o lúdico representa na Educação Infantil, assim como compreender o desenvolvimento da criança com TEA e os graus em que se encontram, de modo que possamos estimular o imaginário fazendo com que o indivíduo aplique o que está sendo proposto, estimulando as áreas motoras e motivando as crianças a minimizar as dificuldades que encontram nas atividades.

des propostas, envolvendo-as de maneira significativa no processo de aprendizagem.

Nesse sentido, é necessário atentar-se, uma vez que crianças com autismo possuem distúrbios de comportamentos referentes a relações sociais, bem como resistência a mudança no meio ou rotina e a ausência de brincadeira imaginativa, devido já se perceberem no mundo de modo imaginário. Essas crianças também possuem distúrbios no desenvolvimento da fala respondendo a estímulos por meio do contato corporal ao serem conduzidas por outras pessoas, sejam professor, estagiário ou cuidador.

A partir de tais considerações, definiu-se como objetivo geral investigar de que forma o lúdico pode ser usado como um processo de intervenção para o aprendizado da criança que possui o Transtorno do Espectro Autista, para tanto, traçamos alguns objetivos específicos que se definem em apresentar as principais definições históricas do lúdico e autista, a vigência na legislação que assegura o ensino para esse transtorno, assim como identificar de que maneira as atividades ligadas a ludicidade podem contribuir para o aprendizado e desenvolvimento das crianças com esse perfil.

Quanto à metodologia, utilizamos a realizamos o pesquisa de cunho bibliográfico, selecionando publicações impressas, tais como livros, monografias, dissertações, artigos e documentos oficiais, além de materiais divulgados em meios eletrônicos.

Após o levantamento bibliográfico, fizemos a pesquisa de campo, pautado em um questionário semiestruturado elaborado e aplicado em uma escola selecionada na Educação Infantil da Rede Municipal, em Aracruz, com nove professoras e uma cuidadora, de modo a obter informações de profissionais que lidam diretamente com essas crianças, buscando aperfeiçoar seu desenvolvimento. Todos entregaram, respondendo às perguntas, demonstrando que o lúdico é um processo de intervenção fundamental para o aprendizado das crianças com TEA- Transtorno do Espectro Autista.

Por isso, essa temática torna-se importante uma vez que o lúdico proporciona ao aluno com Transtorno do Espectro Autista - TEA o desenvolvimento nas várias áreas cognitivas e motoras, de modo que as atividades propostas pelo professor promovam a interação entre as crianças, incluindo-as no processo de ensino/aprendizagem atendendo as especificidades de cada um.

2 CONCEPÇÃO DO LÚDICO

A Educação Infantil é ofertada a todas as crianças independente de suas condições físicas, motoras, cognitivas e social desde 0 aos 5 anos de idade reconhecendo que a infância é um período que necessita de estímulos e tem como objetivo buscar práticas relacionadas ao cotidiano infantil, educando o aluno à adquirir autonomia, construir sua identidade e relacionar-se com o outro.

Dessa forma, segundo as concepções de Froebel citado no livro “O brincar e suas teorias” organizado por Kishimoto (2012, p.68) entende-se que o lúdico é uma maneira divertida de expressar-se e despertar o imaginário, criando e simbolizando a realidade a partir de personagens fictícios que a criança inventa em determinados desenhos, histórias contadas, brincadeiras e vivências. Exemplo disso é o fato de que é comum uma menina se espelhar na sua mãe desejando se vestir, maquiar, brincar, ter a função trabalhista semelhante, utilizando-se do faz de conta para realizar suas descobertas e construções.

Percebe-se que o lúdico proporciona às crianças o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e motoras, na qual expressam suas emoções através das brincadeiras tais como música, pintura, dança, desenhos, entre outras.

De acordo com Kishimoto (2012), ao brincar, a criança não está preocupada com os resultados. É o prazer e a motivação que impulsionam a ação para as explorações livres. Esse modo divertido e prazeroso traz fatores importantes para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, sendo significativamente relevante o início desde a primeira infância, pois segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil RCNEI (1998, p. 15) diz que,

As crianças se movimentam desde que nascem, adquirindo cada vez maior controle sobre seu próprio corpo e se apropriando cada vez mais das possi-

bilidades de interação com o mundo. Engatinham, caminham, manuseiam objetos, correm, saltam, brincam sozinhas ou em grupo, com objetos ou brinquedos, experimentando sempre novas maneiras de utilizar seu corpo e seu movimento. Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo.

Por isso, é fundamental o desenvolvimento de atividades que promovem o lúdico no âmbito educacional para que as crianças se movimentem, criando brincadeiras imaginativas, experimentando jogos dirigidos, de modo que desenvolvam habilidades fundamentais para a construção do saber sobre o ambiente em que vivem, representando-o através do brincar. Desse modo, um objeto simbólico é transformado em algo que a criança aprecia em seu meio, permitindo momentos mais prazerosos nas escolas, nos quais o aprendizado se dá a partir da essência do brincar.

Cintra; Proença; Jesuíno (2010, p. 234) ainda reforçam que:

[...] Proposta do ensino por meio da ludicidade na prática docente visa propiciar ao educando a oportunidade de desenvolver atividades em equipe, momentos de socialização, de imaginação a partir do seu conhecimento de mundo, ter contato com regras por meio de jogos, entre outros.

Entretanto, o lúdico passou por algumas influências da sociedade em diferentes épocas. Percebemos alguns reflexos da história nos dias atuais como, por exemplo, os primeiros brinquedos educativos que “eram vistos como facilitadores de movimentos, pois propiciavam a aprendizagem. Existiam várias possibilidades de brincadeiras e brinquedos, como jogos de ossinhos, arcos, bonecas, cavalos, dentre outros.” (CINTRA; PROENÇA; JESUÍNO, 2010, p. 234).

A utilização desses recursos lúdicos tinha a intencionalidade de promover uma educação disciplinadora com o propósito de ensinar as obrigações da época através de uma metodologia na qual as crianças aprendiam as tarefas dos adultos reproduzindo, ou seja, imitando. Desse modo, podemos perceber que as crianças eram tratadas como “pequenos adultos”, pelo fato de não existir o sentimento de infância, e conforme Philippe Ariès (1981, p.51), a sociedade só entendeu esse sentimento com o decorrer do tempo, a partir de pesquisas que trouxeram a concepção de infância, fazendo com que a sociedade compreendesse a inocência das crianças.

3 CONCEITUANDO O AUTISMO

O Transtorno do Espectro Autista - TEA é caracterizado por dificuldades na fala, na interação com o outro, assim como movimentos repetitivos presentes no comportamento das crianças (em sua maioria, meninos). Podemos conceituar que o

Autismo é uma síndrome presente desde o nascimento e se manifesta invariavelmente antes dos 30 meses de idade. Caracteriza-se por respostas anormais a estímulos auditivos ou visuais, e por problemas graves quanto à compreensão da linguagem falada. A fala custa a aparecer e quando isso acontece, notam-se ecolalia, uso inadequado dos pronomes, estrutura gramatical imatura, inabilidade de usar termos abstratos. Há também, em geral, uma incapacidade na utilização social tanto da linguagem verbal como da corpórea. Ocorrem problemas muito graves de relacionamento social antes de cinco anos de idade, como incapacidade de desenvolver contato olho a olho, ligação social e jogos em grupos. O comportamento é usualmente ritualístico e pode incluir rotinas anormais, resistência a mudanças, ligação a objetos estranhos e um padrão de brincar estereotipado. A capacidade para pensamento abstrato-simbólico ou para jogos imaginativos fica diminuída. (BEREOHFF apud ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1994, p.16)

Existem vários tipos de tratamentos, específicos para as pessoas com autismo, de modo que possam desenvolver suas capacidades cognitivas e motoras em parceria com as escolas, sendo a instituição de ensino o lugar fundamental para proporcionar atividades, as quais promovam a inclusão.

Além das escolas, existem instituições como as APAES que desenvolvem um trabalho especializado para crianças com necessidades educativas especiais. Este atendimento com o autista é feito no contra turno, em que desenvolvem atividades complementares com essas crianças especiais impulsionando a capacidade física, motora e intelectual. O atendimento das APAES acontece em parceria com a escola para ajudar no desenvolvimento dessas crianças sendo disponível

[...]o serviço de apoio multidisciplinar em saúde para autistas, oferecendo serviços agregados e integrados de psicopedagogia, psicologia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, fisioterapia, serviço social, odontologia, nutrição, pediatria, psiquiatria e neurologia. (FONSECA, 2011)

Esse serviço oferecido é fundamental para que as crianças com autismo possam superar suas limitações, estabelecendo relação com os atendimentos clínicos e pedagógicos e mantendo um vínculo entre ambos. Nas propostas pedagógicas, é necessário haver uma rotina diária estruturada, devido à criança TEA- Transtorno do Espectro Autista ter resistência à mudança de rotina, além de desenvolver atividades

que promovam a interação proporcionando estimular o desenvolvimento da fala, bem como a capacidade de pensamentos abstratos- simbólica.

O diagnóstico do autismo é feito com várias análises clínicas. Ainda não existe um exame determinante que dê o resultado completo, por isso, são necessárias algumas análises:

- uma identificação clínica cuidadosa dos sintomas com a ajuda de escalas e questionários;
- uma avaliação das diversas linhas de desenvolvimento geralmente envolvidas;
- exames complementares escolhidos com discernimento quando um sinal clínico justifica uma exploração mais aprofundada em um âmbito particular. (MARCELLI e COHEN, 2010, p.270)

Essas são as primeiras providências para identificar pessoas com autismo. Através dessas atribuições e relato da família é que se podem chegar ao diagnóstico. Sendo assim, é possível evidenciar através do diagnóstico os níveis de autismo, esclarecendo os indicativos sobre cada criança. Entendemos por níveis, o grau de transtorno a ser trabalhado nos indivíduos para que ocorra seu pleno desenvolvimento em suas principais características, dificuldade na fala, socialização e movimentos repetitivos.

Podemos descrever três níveis conhecidos de autismo: Asperge ou nível 1, no qual o diagnóstico pode ser o mais tardio, pois os sintomas são menos evidentes. Ainda assim, a dificuldade de interação com outras pessoas e na fala são visíveis. Também se observa a dificuldade de mudanças de atividades e mudanças de planejamentos, que são os sintomas mais comuns nas crianças com autismo no nível 1. Conforme MARCELLI e COHEN (2010, p. 273) o autismo primário anormal, que é o prolongamento do autismo primário normal é encontrado principalmente nos casos de carência afetiva grave.

Entendemos por moderado ou nível 2, a dificuldade com a fala sendo evidenciada, o comportamento repetitivo sendo mais intenso e uma grande dificuldade em relacionamento com outras pessoas e mudança de rotina.

O autismo secundário em carapaça (ASC), em que a criança parece construir uma espécie de carapaça em torno de seu eu, à maneira de um crustáceo. A fuga do

contato é extrema. A expressão clínica do ASC é próxima do autismo infantil de Kanner típico. (MARCELLI e COHEN, 2010, p.273)

Por último, é o severo ou nível 3, considerado o mais grave pelo fato de a comunicação verbal e não verbal ser comprometida de maneira visível e a dificuldade de interação ser muito grande. Os movimentos repetitivos, mesmo tendo muito tratamento, interferem em todos os âmbitos da sua convivência, e a dificuldade para sair da sua rotina, o estresse que isso lhe causa, sendo este o nível mais elevado:

O autismo secundário regressivo (ASR), finalmente, se caracteriza por uma regressão protetora em face do terror sentido do não eu, do desconhecido. A fragmentação, a dispersão e a clivagem são os mecanismos prevalentes. O quadro clínico em que domina a confusão nas referências tanto internas quanto externas é próximo ao das “outras psicoses precoces” descritas acima, ou ainda do que L. Bender chama de esquizofrenia infantil. (MARCELLI e COHEN, 2010, p.273)

No entanto, para que o desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista seja significativo, é necessário ter o diagnóstico precoce com o nível correspondente para que o trabalho e as intervenções possam contribuir, de modo que aconteça de maneira natural, não se tornando um processo de ensino aprendido cansativo e escasso.

4 BREVES CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E LEGAIS SOBRE O AUTISMO

Segundo Martins Filho (2012, p.19), durante toda a antiguidade, crianças que possuíam algum tipo de deficiência eram desprezadas, jogadas nas ruas ou mortas por seus pais e por outras pessoas da sociedade. Muitas vezes, jogadas em abismos, já que acreditavam que não possuíam nenhuma serventia. Sendo assim, sempre eram descartadas e marginalizadas pela sociedade de alguma forma.

Martins Filho (2012, p.18) também relata alguns acontecimentos históricos nas quais crianças indesejadas eram abandonadas ou vítimas de infanticídio. Ao descrever o seguinte episódio no período da antiguidade sobre um papa chamado Inocêncio III que toda manhã olhava pela janela de seu quarto e sentia tristeza e uma grande angústia em seu coração, quando via pescadores recolhendo entre os peixes cadáveres de crianças pequenas, pois as mães à noite afogavam os seus filhos. Ao se mover com essa situação o papa pediu que fossem ver se algumas daquelas crian-

ças ainda respiravam para benzê-las com a crença que não poderiam entrar no reino dos céus.

Diante dos fatos citados fica evidente que

A criança não é, nem nunca foi, elemento considerado importante pela sociedade. Muito pelo contrario, o abandono de bebês é um fenômeno constante na história da humanidade. A naturalidade com que tal costume foi encarado, sua insignificância social, teve diferentes motivações e causas ao longo do tempo, mas as circunstâncias e as atitudes se repetem em todos os documentos disponíveis e há muitas evidencias dessa prática em quase todas as grandes civilizações da Antiguidade. (MARTINS FILHO, 2012, p. 21)

Somente no século XX, começa o acolhimento das crianças especiais, os quais eram abandonados, tratando-os como seres humanos, aumentando também a preocupação com as deficiências, síndrome ou transtorno entre outras questões que possuíam.

Em 1994, surge então a Declaração de Salamanca, um grande marco na história da educação especial, promovida pela Conferência Mundial de Educação Especial, na cidade de Salamanca na Espanha, assegurando o direito da educação para todos incluindo crianças, jovens e adultos. As escolas, a partir desta data, tiveram o dever de se adaptar para receber todo o aluno independente da deficiência. Entre seus inúmeros dizeres, a declaração afirma que:

O sucesso de escolas inclusivas depende em muito da identificação precoce, avaliação e estimulação de crianças pré-escolares com necessidades educacionais especiais. Assistência infantil e programas educacionais para crianças até a idade de 6 anos deveriam ser desenvolvidos e/ou reorientados no sentido de promover o desenvolvimento físico, intelectual e social e a prontidão para a escolarização. Tais programas possuem um grande valor econômico para o indivíduo, a família e a sociedade na prevenção do agravamento de condições que inabilitam a criança. Programas neste nível deveriam reconhecer o princípio da inclusão e ser desenvolvidos de uma maneira abrangente, através da combinação de atividades pré-escolares e saúde infantil. (SALAMANCA, 1994, p. 12)

Em 20 de dezembro de 1996, surge a Lei nº 9.394 de Diretrizes e Bases LDB, o qual traz no documento três artigos assegurando a educação especial, os art. 58, art. 59 e art. 60. Dessa forma destacamos o Art. 60,

Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder público. (CARNEIRO, LDB fácil, 2014, p.440)

É importante ressaltar que o autismo só passou a ser considerado como um Transtorno a partir do dia 27 de Dezembro de 2012, quando foi sancionada a lei Nº 12.764, pela presidente Dilma Rousseff e ex-ministro da educação José Henrique Paim Fernandes juntamente com a Miriam Aparecida Belchior Daniel servidora pública brasileira, da qual originou-se do nome de Berenice Piana que certifica os autistas como deficientes oficiais, assegurando-os como sujeitos de direitos sob a inclusão nas demais leis para deficientes.

A lei 12.764/12 recebeu este nome, pois Berenice Piana é mãe de um autista, hoje com 21 anos, que sempre lutou pelos direitos de seu filho e por isso, teve participação significativa na elaboração e no reconhecimento desta lei. Segundo uma reportagem disponível no site do Governo do Estado de Santa Catarina Berenice Piana,

conta que notou que o filho começou a mudar de comportamento aos dois anos. “Ele parou de responder aos carinhos, ficou mais quieto, não me olhava mais nos olhos. Na época se falava pouco de autismo. Nem os pediatras sabiam o que era. Mas eu sabia que havia algo de errado. Então, me vi na obrigação de estudar por conta própria para entender o que ele tinha”, relata. O filho de Berenice só recebeu o diagnóstico com seis anos, mas muito antes disso ela já identificava o transtorno. “Sei que minha história não é muito diferente da de outras mães. Como o autismo não é diagnosticado por exames clínicos, é muito complicado”. Berenice conta que, em conjunto com outras mães, foi atrás de profissionais, inclusive de fora do Brasil, que pudessem falar sobre autismo. Após buscar informação, o próximo passo foi ir atrás de formas para incentivar políticas públicas que contemplassem os autistas, pois até então não eram considerados na legislação brasileira. “Mesmo recebendo resistência, não desisti”. Berenice foi à Brasília, insistiu, e após uma longa trajetória foi ouvida.

Antes desta lei, não havia nenhum documento que certificava e reconhecia o autismo como uma deficiência. Sabemos que mais do que leis, precisamos de ações que incluam essas crianças e tudo se inicia na escola. Muito mais do que um desafio para o professor incluir este aluno, essas ações também são desafiadoras para todos os que compõem a escola, de modo que trabalhem para a inclusão destas crianças que necessitam ser inseridas, adquirindo conhecimento, apesar de suas limitações.

Por isso, entende-se que,

o profissional que decide lidar com a criança autista, deve considerar tudo o que se sabe sobre o processo de desenvolvimento normal e os fatores que otimizam o desenvolvimento; como também, tem de considerar o que se sabe sobre os aspectos anormais que interferem no desenvolvimento das crianças autistas. (FERREIRA, apud FERNANDES, 2008, p. 114)

A partir disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) propõem que,

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação, e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, 2010, p.18)

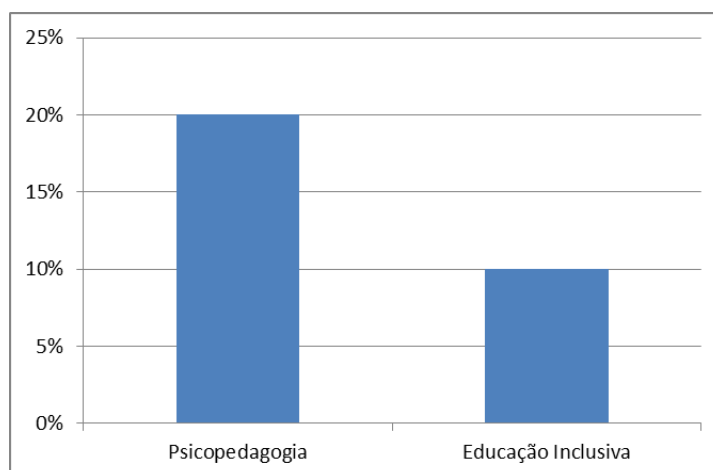
Portanto, ao se pensar no processo de aprendizagem dos alunos com necessidades especiais o educador deve promover momentos de inclusão que incentive a superação das limitações da criança com autismo, de modo que todos de sua turma estejam envolvidos a participarem do seu desempenho por meio de atividades em grupos, nas quais possam interagir uns com os outros. Por meio de brincadeiras tradicionais como “jogar, imitar e criar ritmos e movimentos, as crianças também se apropriam do repertório da cultura corporal na qual estão inseridas” (BRASIL, RCNEI, 1998, p.15).

Percebe-se, pois que a ludicidade possui importância para o aprendizado da criança e que essas múltiplas linguagens podem ser trabalhadas de modo que possibilitem ampliar a visão de mundo da criança com a pré-disposição do TEA.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram da pesquisa nove professoras e uma cuidadora que atuam a mais de dois anos na rede municipal de ensino. Destes 10 profissionais, apenas um possui especialização em Educação Especial, sendo entendida como formação continuada, na qual se estuda síndromes e transtornos, sendo relevante para que possa garantir um melhor atendimento para crianças que são acometidas por NEE.

Gráfico 1- Pós-graduação Lato Sensu

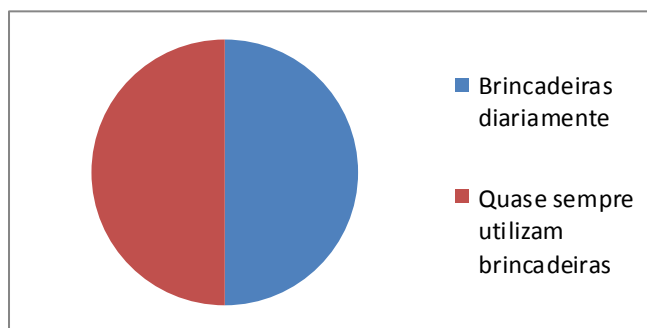


É importante que os professores se especializem, a fim de atender as crianças especiais, contribuindo para o processo de ensino aprendizagem. Este processo pode ser potencializado através do lúdico, nas atividades da escola, isso porque todas as professoras responderam que já tiveram e ainda tem alunos autistas em sala de aula.

O autismo, objeto de pesquisa neste trabalho, possui vários níveis conforme já mencionado. Percebe-se, que atualmente, na escola em que realizamos esse levantamento, tem um caso do nível moderado, no qual apenas uma criança possui a síndrome de Asperger.

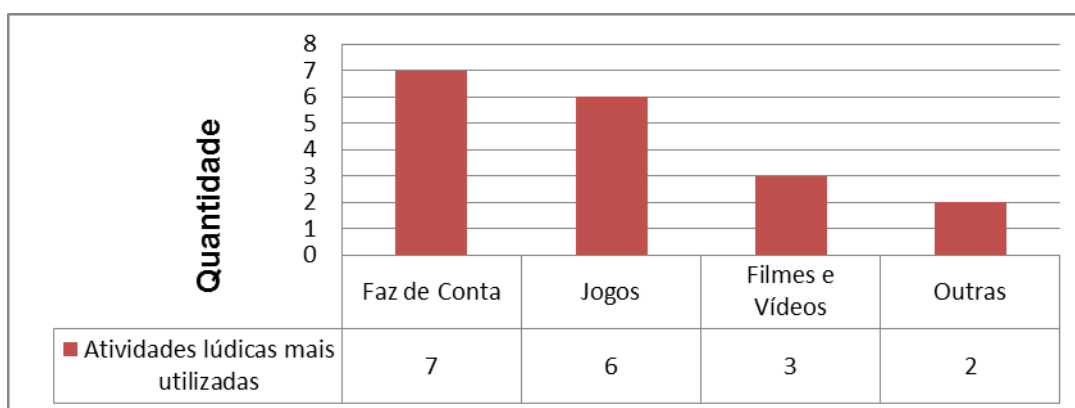
Ao serem questionadas a respeito do brincar, ou seja, a frequência das brincadeiras nas aulas constatou que 50% dos profissionais utilizam quase sempre este perfil de atividade. Os outros 50% possuem como foco, diariamente, a brincadeira em sala de aula, ou seja, o brincar é constantemente utilizado em 100% dos casos, inclusive com os portadores do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Gráfico 2- O brincar em sala de aula



No entanto, entendemos que conforme Costa e Gontijo, Elkonin (1998) e Leontiev (1988) a brincadeira é um dos principais elementos da vida da criança contemporânea e tem como foco a representação das relações sociais que são estabelecidas nas diversas esferas das atividades humanas, porque a criança representa tudo que é observado através dos momentos lúdicos se tornando peça chave na compreensão do seu meio social.

Entendendo a importância do brincar em sala de aula para o desenvolvimento da criança com autismo, está abaixo representado no gráfico 3:

Gráfico 3- Praticidade do lúdico em sala de aula

Em relação às atividades lúdicas desenvolvidas em sala de aula, o faz-de-conta é o mais aplicado como recurso, por parte dos professores. Essa brincadeira traz benefícios de grande relevância para a construção da identidade e para “Piaget (1971), quando a criança brinca, ela assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois sua interação com o objeto não depende da natureza do mesmo, mas da função que a criança lhe atribui”. KISHIMOTO apud (BOMTEMPO, 2009, p.59)

Ressaltamos que o jogo simbólico é muito utilizado pelas crianças com autismo, pois elas percebem o meio de forma diferente das demais, de modo que necessitam de uma estrutura externa para apropriar-se de uma situação de aprendizagem, a partir de uma rotina diária estruturada de forma prática e objetiva, de acordo com o que será trabalhado durante o dia, permitindo que o autista possa situar-se em seu tempo e espaço.

O trabalho com o lúdico na instituição de ensino na Educação Infantil os professores que responderam o questionário apontaram como a ludicidade em sua vasta possibilidade melhor desenvolve na criança com autismo, através das brincadeiras é possível aprimorar o raciocínio, a interação e o desenvolvimento na fala como também a percepção do outro, reconhecendo a importância do brincar para a construção do saber destas crianças e o desenvolvimento de muitas habilidades.

Por meio deste podemos afirmar que apenas 20% dos professores consideram que o envolvimento de outras crianças com TEA- transtorno do Espectro Autista por meio da ludicidade é capaz de desenvolver a interação durante as brincadeiras, proporci-

onando a inclusão de todos, enquanto que 10% responderam que a percepção do outro, ou seja, a interação do eu/outro é a mais evidente ao se trabalhar com o lúdico.

Através das brincadeiras lúdicas trabalhadas em sala de aula, as crianças com autismo podem desenvolver habilidades cognitivas, motoras, afetivas de forma significativa de modo que venham expressar suas emoções e sentimentos. A partir desse pressuposto, os professores descreveram algumas habilidades cognitivas e físicas ao se explorar brincadeiras e jogos que podem melhorar a coordenação motora, aspectos sociais e ambientais, fortalecendo a sua confiança, o que promove uma participação mais efetiva nas atividades em grupo.

Além disso, o trabalho com ludicidade, segundo os relatos das professoras, é possível perceber os interesses e inquietações da criança com autismo mediante as ferramentas de diferentes aspectos. Ao manusear jogos de encaixe, por exemplo, se aprimora a concentração, trazendo calma, realizando movimentos mais precisos e criativos.

Entretanto, é de fundamental importância acessar o mundo particular da criança com TEA, brincando. É muito importante jogar e brincar de modo a ampliar a percepção de mundo e a capacidade de interação com o meio e os outros indivíduos. Através de jogos de raciocínio lógico, que são os que mais potencializam o cognitivo das crianças, quebra cabeça, jogos de encaixe, de seriação e raciocínio, contribui-se para a concentração da criança e um melhor desempenho.

Uma das professoras que responderam o questionário relatou que, ao trabalhar com material não estruturado, possibilitou a criança a inventar seu próprio brinquedo, estimulando a criatividade e a percepção de mundo. Segundo relato, trabalhou com uma criança autista o jogo das cores com tampinhas de garrafa pet e palito de picolé. Citou ter sido um trabalho intuitivo com resultado excelente, em que o aluno se mostrou mais motivado, permanecendo mais tempo em grupo.

Outro jogo relatado por uma professora para estimular o aprendizado foi o bingo de letras, no qual a criança autista aprendeu o alfabeto e interagiu com os colegas.

Percebe-se que o lúdico está sendo trabalhado na Escola de Educação Infantil com estas crianças com autismo, de modo que o aprendizado está sendo potencializado permitindo estimular as habilidades particulares, além de cumprir as legislações em vigência que asseguram os direitos a educação de qualidade.

Através análises pôde-se constatar que os professores estão promovendo momentos prazerosos com jogos e brincadeiras, além de estimular às habilidades específicas do autista, visto que cada criança tem seu potencial e se diferencia umas das outras. Desse modo, é evidente que o desenvolvimento das atividades lúdicas nessa escola encontra-se como um processo de intervenção para o aprendizado das crianças com autismo na Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas precisam oferecer uma educação de qualidade para todas as crianças de forma igualitária. E quando nos deparamos com inclusão de autistas, percebemos a necessidade de maior doação por parte dos profissionais atuantes, sendo necessária ainda mais inquietação e curiosidade na busca de diferentes maneiras para se potencializar e mediar o conhecimento. Sendo que é necessário que o aluno não seja apenas um depósito e o professor apenas transmissor do conhecimento, mas que o processo ocorra constantemente entre ambos, de forma natural.

O lúdico permite a criança portadora do autismo o desenvolvimento de suas capacidades físicas e intelectuais, além de aprimorar a fala, minimizando suas reais dificuldades, inserindo-a no processo de ensino aprendizagem por meio do brincar. O material estruturado fornece ao professor possibilidades para esta intervenção especialmente no uso do quebra-cabeça, jogos com cores, entre outros. No entanto, o material não estruturado possibilita o desenvolvimento do equilíbrio, concentração, criatividade, além do imaginário. Associando os dois ao processo de intervenção no aprendizado do aluno com autismo, se consolida o conhecimento por meio do lúdico.

Dessa forma, podemos afirmar que o brincar é uma das vias mais importantes para que os avanços aconteçam de forma saudável e divertida nas crianças com o Transtorno do Espectro Autista, fazendo com que cada desafio seja alcançado por meio de atividades estimulantes sejam prazerosas e espontâneas, compreendendo que o lúdico é peça chave para o aprendizado da criança portadora do autismo que deve ser estimulada desde a educação infantil à superar seu cotidiano em seus desafios, tendo o professor como referência ou até o “super-herói” de sua infância.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**.- Traduzido: Michel Winock, ed. 2- Rio de Janeiro: S.A; 1981.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/ Secretária de Educação Básica. - Brasília: MEC, SEB, 2010. 36 :il.

_____. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Secretária de Educação Básica. - Brasília: MEC, 2013.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. p.15.

_____. Secretaria de Educação Especial.- **Tendências e Desafios da Educação Especial**/ Organizadora Eunice M. L. Soriano de Alencar.- Brasília: SEESP, 1994, p.263.

BERENICE PIANA. Ícone da luta pelos direitos dos autistas, palestra sobre Lei 12.764Disponível:

<http://www.fcee.sc.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1555&Itemid=1> Acessado em: 24/06/2016.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil**: Leitura crítico-compreensiva artigo a artigo. 22 . Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CINTRA, R. C. G. G.; PROENÇA, M. A. M.; JESUÏNO, M. S. **Revista Rascunhos Culturais**: A historicidade do lúdico na abordagem histórico- cultural de Vigotsky. Coxim, MG: v.1,p.225-238, 2010.

COSTA, D. M. V.; GONTIJO, C. M. M.; **Caderno de Pesquisa**: A Linguagem oral como elemento integrante da brincadeira. p. 278, 2011.

FERNANDES S. Fabiana. **O corpo no autismo**. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v9n1/v9n1a13.pdf>> Acessado em: 11/06/2016.

<http://www.abcdamedicina.com.br/o-que-e-autismo-sintomas-desenvolvimento-infantil-e-mente-autista.html>. Acessado: 19/06/2016.

- FONSECA, Maria Elisa Granchi. **Revista autismo**: As APAEs e os autistas, 2011. Disponível em:<<http://www.revistaautismo.com.br/edic-o-1/as-apaes-e-os-autistas>>. Acessado: 16/06/2017.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchiba. **O brincar e suas teorias** / organizadora.- São Paulo: Learning, 2012.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchiba. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**/ organizadora.- 12 ed. - São Paulo: Cortez, 2009.
- MARCELLI, Daniel. **Infância e psicopatologia**/ Daniel Marcelli, David Cohen; tradução: Fátima Murad; revisão técnica: Francisco B. Assumpção Jr.-8.ed.- Porto Alegre: Artmed, 2010. 600 p.; 25 cm.
- MARTINS FILHO, José. **A criança terceirizada**. Os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneos/ 6° ed.- Campinas, SP: Papirus, 2012.
- SANTOS, A. R. S.; TELES, M. M.; **Declaração de Salamanca de educação inclusiva**. ANAIS. 2012.

APÊNDICE**FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ
MANTENEDORA: FUNDAÇÃO SÃO JOÃO BATISTA****QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO**

Este questionário será dirigido aos professores da educação infantil a fim de concluirmos nosso trabalho de conclusão no curso de Pedagogia cujo tema: **O LÚDICO COMO PROCESSO DE INTERVENÇÃO PARA O APRENDIZADO DO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Desde já agradecemos sua valiosa contribuição.

1. Qual sua formação acadêmica?

- ☐ Graduação
☐ Especialização: _____
☐ Mestrado
☐ Doutorado

2. Tempo de atuação na Educação Infantil:

- ☐ menos de dois anos ☐ de dois a cinco anos ☐ acima de cinco anos

3. Com quem frequência você faz o uso da ludicidade em suas aulas?

- ☐ Diariamente ☐ Quase sempre ☐ Raramente ☐ Nunca

4. Quais as atividades lúdicas mais comuns em suas aulas?

- ☐ Jogos ☐ Brincadeiras de roda ☐ Faz de conta ☐ Filmes e vídeos ☐ Outras:

5. Durante o período de atuação na docência teve a oportunidade de dar aula para alguma criança com transtorno do espectro autista?

- ☐ Sim ☐ Não

6. Atualmente a Educação Infantil é ofertada a todas as crianças independente da classe social desde 0 aos 5 anos de idade reconhece que a infância é um período que necessita de estímulos tem como objetivo buscar práticas que relacionadas ao cotidiano infantil, educando o aluno à adquirir autonomia, construir sua identidade e relacionar-se com o outro. Sabemos que o autismo afeta a capacidade de comunicação, de socialização e de comportamento,

sendo assim, você vê o lúdico como um processo de intervenção para o aprendizado do autista na educação infantil?

☐ Sim ☐ Não ☐ As vezes ☐ Raramente ☐ Nunca

7. Percebemos que o primeiro contato como forma de interação com outras crianças no ambiente escolar é através de momentos lúdicos. Você acredita que o envolvimento de outras crianças com autistas por meio da ludicidade é capaz de desenvolver no mesmo:

☐ Raciocínio ☐ Interação ☐ Desenvolvimento da fala ☐ percepção do outro ☐ Todas as afirmações.

8. Podemos afirmar que por meio do lúdico às crianças com autismo na Educação Infantil podem desenvolver habilidades cognitivas, motoras, afetivas de forma significativa possibilitando também que elas venham expressar suas emoções e sentimentos através de recursos práticos capazes de levar a criança a explorar materiais com diferentes texturas?

☐ Sim ☐ Não

Comente:

9. Entendendo que existem vários graus do Transtorno do Espectro Autista, quais os mais comuns no atendimento escolar?

☐ Leve ☐ Moderado ☐ Severo ☐ Asperge

10. Relate uma experiência em que o Lúdico foi um processo de intervenção para o aprendizado do aluno.

11. Nas atividades, brincadeiras e jogos que envolvem a coordenação motora fina e grossa o aluno portador de autismo:

☐ Participa ☐ Não Participa ☐ Participa Raramente